

Mensagem dos missionários e missionárias combonianos do continente americano reunidos no seminário sobre pastoral nas periferias urbanas

Reunidos no escolasticado de São Paulo do dia 20 a 23 de outubro de 2014, provindo de diversas periferias urbanas de Peru, Equador, Colômbia, Estados Unidos, México e Brasil, compartilhamos alguns pontos da nossa reflexão.

1. Aproximamo-nos do mundo das grandes cidades do continente americano iluminados pela prática de Jesus que nasceu e viveu na periferia do Império, partilhando a vida dos excluídos do seu tempo. A partir da Galileia, foi até Jerusalém, centro do poder político, econômico, religioso e militar, para desmascarar as estruturas geradoras de exclusão e propor o Reino como plenitude de vida para todos e todas. Seu anúncio gerou um conflito que o levou a ser morto como um marginal, fora dos muros de Jerusalém, crucificado entre dois ladrões. A sua ressurreição marcou definitivamente a vitória da vida sobre a cultura da morte e continua incentivando aqueles e aquelas que se despõem a viver sua prática libertadora.
2. Inspiramo-nos em Daniel Comboni que sempre escolheu os últimos e os mais abandonados para fazer causa comum com eles, defendendo-os de todo tipo de escravidão.
3. Sentimo-nos interpelados pelo Papa Francisco, que na *Evangelii Gaudium* (74), nos convida a aproximar-nos dos “não cidadãos” e dos “sobrantes” produzidos hoje em dia pelas grandes cidades.

A explosão demográfica urbana e suas causas

4. Partilhamos entre nós as realidades das periferias em que estamos presentes e evidenciamos que à origem dos desequilíbrios econômicos, das desigualdades sociais, das migrações forçadas, da concentração de pessoas nas megalópoles e de todas as situações periféricas de nosso continente estão a **influência dominante do grande capital** nas políticas econômicas internacionais, a interferência sobre os Estados nacionais de instituições monetárias como o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio e a financeirização dos mercados.
5. A expansão do capital é responsável pela urbanização rápida, intensa e desordenada. Prófugos da pressão do latifúndio, do agronegócio, da concentração de terras para o monocultivo, dos grandes projetos de mineração, dos conflitos provocados pelos grupos armados e pelo Estado e da ausência de políticas públicas capazes de fixar as famílias no campo, milhões de pessoas nas últimas décadas têm deixado a zona rural e mudado para áreas urbanas, atraídas pela necessidade de trabalho e sobrevivência ou pela busca de oportunidades.
6. Mas para muitos o sonho tem se transformado em pesadelo. Na cidade não tem tido um processo simultâneo de desenvolvimento e geração de emprego e de mudanças estruturais para absorver esse contingente da população. O destino de boa parte desses migrantes tem sido o agravamento das desigualdades, a segregação nas periferias, a negação dos direitos fundamentais.
7. A substituição da força de trabalho humana pelas máquinas, a precarização das relações de trabalho, a flexibilização dos direitos trabalhistas e a falta de uma política salarial justa tem

produzido trabalhadores e trabalhadoras empobrecidos, explorados e cada vez mais empurrados para a economia informal.

8. Dessa forma, as cidades, não conseguindo dar oportunidades a todos os seus habitantes, acabam produzindo novos pobres que migram constantemente entre uma periferia e a outra, entre cidades do próprio país e entre os países do continente. Ultimamente, a todos esses processos migratórios soma-se também um fluxo de migrantes proveniente do norte do mundo, atravessado por uma grave crise econômica.
9. O levantamento dessas causas nos leva a entender que não se pode isolar a ação nas periferias urbanas do compromisso em defesa de um novo sistema que priorize a defesa e promoção da vida, da reforma agrária, da demarcação das terras dos povos indígenas e das comunidades afrodescendentes, da soberania alimentar, da justiça ambiental e da defesa intransigente dos direitos trabalhistas.

Nosso olhar sobre as periferias

10. A cidade, concebida historicamente como espaço de oportunidades de emancipação e de construção de novas relações significativas para autoconstrução da pessoa tem se tornado lugar, por excelência, para a gestão dos processos de acumulação do capital, tanto na esfera produtiva como na esfera financeira. Ela, portanto não está a serviço do cidadão, mas do capital e se desenvolve unicamente em função do lucro. A mercantilização, o individualismo e o consumismo marcam profundamente o jeito de viver na cidade, colocando em xeque as relações interpessoais a solidariedade, a partilha e o espírito de comunidade. Considera-se cidadão quem tem poder aquisitivo. O consumismo se torna fator de integração urbana. Quem não dispõe de dinheiro fica marginalizado e é empurrado para as periferias
11. As desigualdades socioeconômicas acabam gerando, no mesmo perímetro urbano, duas cidades. O centro e a periferia. Não se trata de conceitos puramente espaciais mais existenciais. O centro é o lugar onde se tomam as decisões políticas, econômicas, culturais e religiosas. As periferias são as situações em que sobrevivem aqueles e aquelas que são mantidos a distância, destituídos do acesso aos direitos humanos e a informação. A segregação socioeconômica passa também a ser segregação sócioespacial.
12. O centro de poder político e econômico mantém seus privilégios através da violência institucionalizada como instrumento de controle e manutenção dos interesses do capital, agredindo especialmente os pobres, os jovens e a população negra. Por sua vez as periferias, abandonadas pelas instituições, caem nas mãos do crime organizado e se transformam em territórios de violência que leva a criminalização dos pobres e dos movimentos sociais que lutam pela promoção e defesa dos direitos humanos.
13. Muitas cidades, hoje, são **insustentáveis**, seja do ponto de vista ambiental que político: estar na cidade não significa automaticamente ser cidadão. Devido ao individualismo do sistema de produção-mercado-consumo e ao desenraizamento cultural, as relações são despersonalizadas e a dimensão comunitária se enfraquece.
14. Na visão dos poderes públicos e, muitas vezes, na própria autocompreensão das pessoas, o **cidadão** é considerado mais como **um usuário** de serviços e de produtos O processo de

exclusão dos usuários menos interessantes chegou a gerar a categoria dos “sobrantes”. Um exemplo evidente de sobrantes é a população dos encarcerados, em aumento descontrolado.

15. O fenômeno religioso nas periferias é heterogêneo, fluido e em mutação permanente. Além das expressões religiosas trazidas pelos migrantes de seus lugares de origem, crescem novas manifestações religiosas que desafiam nosso trabalho pastoral, e às vezes, são caracterizadas pela intolerância e pelo fundamentalismo. A religião na cidade torna-se, em muitos casos, um “bem de consumo”. A crescente sede de Deus é satisfeita por diversas fontes e, em vários casos, artificiais e inspiradas por critérios de marketing e oportunismo político.

A atuação comboniana nas periferias hoje

16. Como família comboniana vivemos a nossa missão nas Américas em contextos e modalidades diferentes. Na maioria dos países, a nossa presença nas periferias urbanas responde a opções provinciais. A maneira de responder aos desafios que os grupos humanos e as comunidades excluídas e marginalizadas nos apresentam depende muito das possibilidades e limitações que a realidade sociopolítica, econômica, cultural, e eclesial nos oferecem. Nisso também influem a sensibilidade e as disposições pessoais.
17. Todos esses fatores nos levam a uma diversidade de experiências e ações missionárias que abrangem: a presença inserida em bairros pobres e junto à população afrodescendente e aos catadores de material reciclável; o acompanhamento de entidades que lutam pela defesa e promoção dos direitos humanos; a participação e, em alguns casos, a coordenação de pastorais sociais específicas que atendem às pessoas privadas de liberdade, as crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e aos dependentes químicos, entre outros; a valorização das culturas periféricas através de projetos de fortalecimento da identidade, da capacitação e transformação da realidade. Em geral, tudo isso é realizado, prevalentemente buscando a interação com um contexto eclesial que favoreça a formação de ministérios eclesiais e lideranças sociais, o trabalho em rede e em cooperação com outras forças sociais presentes no território, a consciência e atuação política, a ligação entre fé e vida e a espiritualidade libertadora.

Horizontes e desafios

18. A missão comboniana nas periferias urbanas qualifica-se como **presença**. Essa presença é humana, inserida, comunitária, frágil, ousada, política, e a serviço da igreja das CEBs, articulada em rede.

a. Presença humana

O comboniano, a comboniana precisa ser um místico, alguém capaz de descobrir Deus nas periferias, sobretudo onde pensamos que ele nunca poderia estar. Deve ser profundamente comunitário e continuador do que os outros confrades e, sobretudo o Espírito vem trabalhando. Deve ser acolhedor, cordial e respeitoso para com as pessoas e que saiba cuidar-se no bom trato. Necessita ser criativo e buscar sempre a melhor estratégia para chegar a todos, aos que estão próximos e afastados de Deus e da Igreja. Que acredite na capacidade e protagonismo dos leigos, tornando-os sujeitos da evangelização.

b. Presença inserida

A missão comboniana faz uma opção clara e permanente pelos pobres e pelos jovens e privilegia, em nosso continente, os afrodescendentes, especialmente através da pastoral afro. Por isso nossas comunidades devem ter um estilo de vida sóbrio, solidário e próximo ao das famílias onde moramos.

c. Presença comunitária

Estamos nas periferias como família comboniana, e onde é possível, integrando também conosco leigas e leigos missionários. Acreditamos na comunidade como contexto de humanização e instrumento de transformação. Por isso, não podemos prescindir do trabalho de educação popular comunitária, ferramenta permanente que hoje nem os partidos, nem os sindicatos e nem as igrejas realizam com constância e determinação.

d. Presença frágil

Conscientes de nossos limites, sem medo de errar e a partir do princípio da misericórdia, colocamo-nos ao serviço da vida, usando meios pobres.

Insistimos na promoção da dignidade de toda pessoa e de seu empoderamento, em particular, no resgate de suas raízes e cultura e no reconhecimento dos jovens em suas novas construções de sentido e relações.

e. Presença ousada

Somos chamados à profecia, a partir do contexto de nossa presença e compromisso. Dispomo-nos por isso ao conflito, à denúncia e à ruptura com alianças ou projetos socioeconômicos que negam a dignidade e a vida plena.

f. Presença política e transformadora

A missão cristã e comboniana, inspirada na prática de Jesus, têm como objetivo a construção do Reino que passa pela realização integral da pessoa humana e pela promoção da vida plena para todos e todas. Visa a superação das estruturas de pecado e o favorecimento da participação e do protagonismo popular, do acesso de todas e todas a informação, da compreensão das estratégias de incidências políticas e de uma nova confiança nas potencialidades desse processo. Colabora para favorecer uma reforma política que garanta maior democracia e transformação social.

g. Presença eclesial

Queremos viver em comunhão com a Igreja local, colocando-nos a serviço das Comunidades Eclesiais de Base. Onde houver, nas periferias, uma paróquia comboniana, a assumimos e a conduzimos a partir dos seguintes princípios:

- espiritualidade libertadora enraizada no seguimento de Jesus Cristo comprometida com os excluídos
- leitura orante da palavra de Deus para iluminar a realidade
- articulação entre fé e vida
- compromisso com a transformação e humanização da realidade;
- protagonismo dos leigos e das leigas e capacitação contínua no exercício de sua ministerialidade;
- abertura missionária e ad gentes;
- celebrações e práticas cristãs vinculadas à vida, inclusivas e abertas ao diálogo ecumênico.

h. Presença articulada em rede

A missão comboniana investe na articulação com todas as forças sociais que acreditam nesse processo de transformação sistêmica. Colabora com os movimentos sociais, sindicatos e

organizações de defesa dos direitos humanos, grupos de pesquisa acadêmica e todos os atores que podem fortalecer nossa ação e ampliar nossos horizontes de incidência.

Agradecidos

19. Sentimo-nos privilegiados e agradecidos por estar no meio de um povo lutador, criativo e capaz de sobreviver e vencer todo tipo de dificuldades, porque ama a vida. Agradecidos por estar vivendo numa periferia urbana tão rica, diversa e que termina nos enriquecendo. Estamos alegres e felizes por sermos discípulo/as missionário/as, não obcecados pelos resultados, mais sim apaixonados pela missão. Obrigado pelo povo que nos evangeliza, fortalece a nossa fé e esperança.

Os participantes do seminário.